



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE
CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS
DE LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

BÁRBARA KELLY BARRETO GABY

A OPRESSÃO MASCULINA NOS CONTOS DE MIA COUTO: UMA
ANÁLISE DOS CONTOS “O CESTO” E “OS OLHOS DOS MORTOS”

João Pessoa
2020

Bárbara Kelly Barrto Gaby

A opressão masculina nos contos de Mia Couto: uma análise dos contos “O cesto” e “Os olhos dos mortos”.

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como pré-requisito para a obtenção do título de
Licenciado em Letras com habilitação em
Língua portuguesa pela Universidade Federal da
Paraíba.

Orientadora: Vanessa Neves Riambau Pinheiro

JOÃO PESSOA

2020

**Dedico este trabalho aos meus filhos Heitor e Ícaro
Bernardo.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida.

Agradeço ao meu esposo pelo apoio e por sempre ter acreditado no meu potencial.

Agradeço a meus filhos por me darem motivação para lutar a cada dia.

Agradeço aos meus pais, irmãos e familiares por me fazerem querer ser melhor a cada dia e por me ajudarem nas dificuldades.

Agradeço aos meus amigos por me motivarem, alegrarem e me aconselharem para o bem.

Agradeço, especialmente, à minha orientadora Vanessa Riambau por toda paciência e assistência.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 “O cesto”, da mesmice a reviravolta.....	10
3 “Os olhos dos mortos” - cinco tipos de violência contra a mulher e a dominação masculina na vida pública e vida privada.....	23
4 CONCLUSÃO.....	36
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	37

RESUMO

Este trabalho propôs realizar uma análise dos contos “O Cesto” e “Os olhos dos mortos”, do livro *O fio das missangas* (2004), de Mia Couto. Tentou-se, a partir da presente investigação, observar como o autor representa a dominação masculina em suas obras. Para compreender teoricamente, usa-se o livro *A opressão masculina* (2002) de Pierre Bourdieu. Conclui-se que o conto “O cesto” narra a vida de uma mulher que se anulou para servir ao marido e, cansada da vida que levava ao lado do esposo ela passa a desejar a morte dele e se torna uma mulher mais decidida, porém ao final do conto temos uma reviravolta nos pensamentos e atitudes dela que a levam a voltar a ter a vida que tinha antes da morte do cônjuge. E, no conto “os olhos dos mortos” pode-se observar como se dá a violência física e simbólica na vida da personagem e como ela decide se tornar livre do casamento opressor através do assassinato do esposo.

Palavras-chaves: Mia Couto. Dominação masculina. Literatura moçambicana. Mulher moçambicana.

ABSTRACT

This work proposed to make an analysis of the tales “O Cesto” and “Os olhos dos mortos”, in the book *O fio das missangas* (2004), written by Mia Couto. It was tried, from the present investigation, to observe how the author represents the male domination in his works. To understand theoretically, the book is used *A opressão masculina* (2002) de Pierre Bourdieu. In the short story “O cesto” narrates the life of a woman who annulled herself to serve her husband and, tired of the life she led beside her husband, she starts to desire his death and becomes a more determined woman, but at the end of the story we have a turn of thoughts and her attitudes that lead her to return to the life she had before the death of her spouse. And, in the tale “os olhos dos mortos” can observe how physical and symbolic violence occurs in the character's life and how she decides to become free from oppressive marriage through the murder of her husband.

Key-words: Mia Couto. Male domination. Mozambican literature. Mozambican woman.

INTRODUÇÃO

Autor e biólogo moçambicano, Mia Couto é pseudônimo de Antônio Emílio Leite Couto. Através de suas obras literárias, Mia Couto mostra a representação da mulher dentro da sociedade moçambicana.

Mia Couto é atualmente o escritor mais conhecido, traduzido e lido da literatura moçambicana. Além dos contos do livro *O fio das missangas* (2004) de onde analisaremos dois contos neste trabalho. Entre outras obras que apresentam a mesma temática, podemos mencionar *A confissão da leoa* que também trata o feminino na cultura moçambicana. Suas principais obras são: *Raiz de orvalho* (1993); *Vozes anoitecidas* (1986); *Terra sonâmbula* (1992); *Estórias abensonhadas* (1994); *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. (2003).

Para escrever, Mia Couto inspira-se nas histórias contadas na oralidade, que ouvia durante a infância e ao cumprir o ofício de biólogo. Histórias que narram a realidade moçambicana e também o imaginário cultural do povo de Moçambique.

Por escrever para representar e dar voz às mulheres moçambicanas nós escolhemos o livro *O fio das missangas* (2004) de Mia Couto para ser analisado neste trabalho e, os contos “O cesto” e “Os olhos dos mortos” foram os contos separados para trabalharmos, pois neles encontramos a representação de mulheres que se encontram em situações de dominação masculina. Ambas são casadas, vivem relacionamentos abusivos e ficam livres através da morte do marido. Com diferença no tipo de violência que sofrem e a forma que chegam a viuvez. Procuraremos observar como se dá a dominação masculina na vida da mulher de cada conto, como elas reagem diante das violências que sofriam e como puderam se libertar dos casamentos opressivos.

O livro *A dominação masculina*, de Pierre Bourdieu, (2002) embasará teoricamente a pesquisa que realizaremos no presente trabalho. Com Bourdieu procuraremos compreender a dominação masculina presente na sociedade e nas

residências com a análise do conto “O cesto” e faremos observações acerca da violência física e simbólica com a análise do conto “os olhos dos mortos”.

No capítulo 1 analisaremos o conto “o cesto”. Nesse primeiro capítulo faremos uma análise das personagens, das atitudes, pensamentos e falas diretas e indiretas delas, procuraremos compreender o que cada palavra ou comportamento pode representar ou transmitir. Usaremos as citações do livro *A dominação masculina* de Bourdieu para compreendermos teoricamente como se dá a submissão da mulher do conto, o porquê dela se submeter aos abusos do marido, o porquê dela se anular como mulher após o casamento e o que pode ser compreendido com o desejo pela morte do esposo.

No capítulo 2 vamos analisar o conto “Os olhos dos mortos”. Vamos procurar compreender as personagens, analisar a personalidade de cada uma, procuraremos entender o motivo que leva a mulher a desejar a morte do marido e o porquê dela cometer assassinato. Com as citações de Bourdieu nós procuraremos entender alguns dos tipos de violência que a mulher do conto sofria e vamos buscar entender quais as motivações que trazem à existência os sofrimentos que encontramos no conto.

O tema que será trabalhado tem relevância visto que está presente na sociedade e se exhibe das mais variadas formas. Manifesta-se como violência física, psicológica, patrimonial, verbal e simbólica. Nos contos que analisaremos neste trabalho podemos verificar situações de relacionamentos abusivos e o desfecho, vitorioso ou não, das personagens que saíram de tais relacionamentos.

1. “O cesto”, da *mesmice* à *reviravolta*.

“O cesto” é o terceiro conto do livro *O fio das missangas* (2004), de Mia Couto.

O conto é narrado em primeira pessoa, por uma mulher que não tem o seu nome citado. Tinha um marido que estava hospitalizado e sua vida basicamente se resumia as idas ao hospital a fim de visitá-lo e levar para ele um cesto de comida.

Essa mulher o visitava no hospital todos os dias, mantendo assim o hábito de servir ao esposo no leito, como o servia antes em plena saúde. Não tinha vida, pois, a mesma teria sido roubada por seu marido, justamente pelo fato de ter vivido para servi-lo.

Ela era a típica esposa submissa que havia abandonado a vaidade para se dedicar ao serviço doméstico e aos trabalhos ligados ao matrimônio. Por isso a necessidade de levar um cesto de comida para ele todos os dias, a fim de agradá-lo com aquilo que sabia que ele antes, gozando de saúde, não recusava receber dela.

Ocorre uma reviravolta no conto no momento em que ela vê seu reflexo no espelho que antes estava coberto por um pano e acidentalmente havia sido descoberto. Nesse momento ela se vê bela, com curvas bonitas e se toca com seus dedos, se considerando amante dela mesma. Com isso ela recupera o seu amor próprio e decide que voltará a viver assim que seu marido morrer.

Depois desse momento ela não vê mais necessidade de levar consigo um cesto de comida para visita, como se também não visse mais necessidade e nem tivesse vontade de servir ao marido.

A surpresa que nos atinge ao final do conto é que a tão decidida mulher, ao receber a notícia da morte do esposo, age de forma desesperada.

Ali nos decepcionamos, pois percebemos que aquela mulher estava tão habituada a viver para aquele homem que a morte dele foi o seu desespero e não a sua libertação.

Vamos observar a citação abaixo:

Pela milésima vez me preparo para ir visitar meu marido ao hospital.
Passo uma água pela cara, penteio-me com os dedos, endireito o eterno vestido.
Há muito que não me detenho no espelho. Sei que, se me olhar, não reconhecerei os olhos que me olham. (COUTO, 2004, p. 10)

Nessa primeira citação, na frase “Pela milésima vez me preparo para visitar meu marido ao hospital”, podemos compreender que o esposo da protagonista estava hospitalizado a muito tempo. Temos o entendimento de que rotinas de acompanhantes e visitantes de pessoas a muito tempo hospitalizadas são rotinas exaustivas, e então deduzimos que a mulher do conto já estava cansada de ir ao hospital visitar o marido.

Podemos observar a falta de vaidade da personagem principal do conto, quando ela diz: “Passo uma água pela cara” e “penteio-me com os dedos” observamos que essa mulher havia abandonado o que há de mais básico na vaidade, que é a higiene, o lavar o rosto, o pentear os cabelos. Isso provavelmente acontecia por ela ter a sua vida exclusivamente dedicada ao marido hospitalizado.

Quando ela diz “endireito o eterno vestido” observamos mais uma vez o quanto a vaidade daquela mulher havia sido deixada de lado. E, além disso, o “eterno vestido” leva-nos a pensar em repetição, no cotidiano onde ela como esposa submissa seguia sempre sua enfadonha rotina.

No trecho “Há muito que não me detenho no espelho”, além de reforçar o abandono da vaidade também representa o longo tempo em que ela estava presa a sua cansativa rotina. A mulher deste conto não aceitava ou reconhecia a mulher que ela havia se tornado. Por isso o receio em se olhar no espelho. Ela havia se transformado em uma mulher que não gostaria de ser, o que é típico de mulheres que vivem um relacionamento abusivo. Podemos confirmar que o conto relata um relacionamento abusivo em “Hoje será como todos os dias: lhe falarei, junto ao

leito, mas ele não escutará. Não será essa a diferença. Ele nunca me escutou.”
(COUTO, 2004, p10)

Quando ela relata que falará e não será ouvida e que nunca foi ouvida, mesmo quando o seu esposo não estava interno no hospital, temos convicção do quanto ela vivia oprimida, tendo a sua fala desvalida. Sabemos que em relacionamentos opressivos normalmente a mulher é levada a se calar ou aprender a não ser ouvida por seus companheiros.

Observemos a citação a seguir que demonstra um relacionamento abusivo: “Diferença está na marmitta que adormecerá, sem préstimo, na sua cabeceira. Antes, ele devorava os meus preparados. A comida era onde eu não me via recusada.” (COUTO, 2004, p. 10)

Na frase: “A comida era onde eu não me via recusada”, podemos observar que a mulher do conto também se sentia rejeitada por seu marido. O ato de preparar a marmitta, fazer a refeição é uma maneira de ela tentar agradar o esposo e se sentir aceita, valorizada. Porém, depois da internação do marido, nem essa satisfação ela tinha, pois até o fazer o alimento não tinha serventia.

É interessante observar que mesmo sabendo que a marmitta que preparava e levava a cada visita seria abandonada, ela não desiste de levar o cesto de alimentos. Isso pode mostrar o quanto ela era insistente no seu casamento e, talvez essa personalidade persistente tenha contribuído para que passasse tanto tempo em um relacionamento ruim.

Já sabemos que ela estava se sentindo oprimida e rejeitada, agora vamos analisar mais uma citação a fim de confirmar o relacionamento abusivo em que ela se encontrava:

Desde o mês passado que evito falar. Prefiro o silêncio, que condiz melhor com a minha alma. Mas o não haver conversa nos deu outro laço entre nós. O silêncio abriu um correio entre mim e o moribundo. Agora, pelo menos, já não sou mais corrigida. Já não recebo enxovalho, ordem de calar, de abafar o riso. (COUTO, 2004, p. 10)

Na citação acima, confirmamos a opressão masculina contida no conto “O cesto”. Quando ela diz que recebia enxovalho, ordem de calar, de abafar o riso. Confirma-se o sofrimento que passava quando o marido estava convivendo com ela fora do hospital.

A frase “Prefiro o silêncio, que condiz melhor com a minha alma” pode representar que ela havia desistido da relação com o esposo, segundo ela “Desde o mês passado”. E por estar desacreditada da relação com o moribundo, ela não tinha mais motivos para procurar conversar com ele.

Na citação que se segue além de confirmar o relacionamento opressor, vamos ver que a situação provocou nessa mulher uma revolta e um desejo de mudança de vida que se daria a partir da morte do seu marido:

renovo promessa: sim, eu lhe escreveria uma carta, feita só de desabotoada gargalhada, decote descaído, feita de tudo o que ele nunca me autorizou. E nessa carta, ganharia coragem e proclamaria: – Você, marido, enquanto vivo me impediu de viver. Não me vai fazer gastar mais vida, fazendo demorar, infinita, a despedida. (COUTO, 2004, p. 10)

Em “Você, marido, enquanto vivo me impediu de viver. Não me vai fazer gastar mais vida, fazendo demorar, infinita, a despedida.”. Ela proclama o desejo pela morte do marido, sedenta por logo começar a viver a vida que nunca pode ao lado dele.

Sabemos que é comum em um relacionamento abusivo que o homem proíba a mulher de se vestir com as roupas que julga inadequada e se comportar de maneira que ele não aprove. A citação confirma o relacionamento abusivo que esta mulher vivia quando diz que o cônjuge a proibia de gargalhar e usar decote. O fato da gargalhada da esposa incomodar tanto o marido pode está relacionado ao desejo que ele tinha de ver essa mulher infeliz e oprimida, assim sendo, ela não poderia se expressar de maneira alegre e extrovertida, pois, para o seu marido isso seria errado e deveria ser evitado, se não o fosse, a mulher receberia logo a ordem de se calar e voltar a se comportar de maneira que agradasse ao esposo.

Insatisfeita com a vida que tinha estando junto ao marido ela idealiza uma nova vida. A citação a seguir confirma essa afirmação: “A meu homem deram transfusão de sangue. Para mim, o que eu queria era transfusão de vida, o riso me entrando na veia até me engolir, cobra de sangue me conduzindo à loucura.” (COUTO, 2004, p. 10)

Ao ler a citação acima percebemos o desejo por uma mudança boa na vida. Um paciente que recebe transfusão é aquele que possui uma doença relacionada ao sangue e necessita urgente de sangue novo, então, “transfusão de vida” pode representar uma urgência em uma vida nova. Pacientes que necessitam de transfusão mais não o fazem por algum motivo (religião, falta de assistência, falta do tipo sanguíneo correto), podem chegar a morte, mas a mulher do conto considerava que não estava vivendo, sendo assim, era mais moribunda que o próprio moribundo, e tinha urgência em receber “o riso entrando na veia”, isto é, alegria de viver.

A nova vida chega quando ela se enxerga, literalmente, pois é ao ver a sua imagem refletida no espelho que ela ganha forças para sair da posição de submissa esposa e partir para uma vida onde seria a protagonista. E, no momento que se vê refletida tem uma epifania, entende que precisa mudar como mulher e, de início muda mesmo. Ela percebe o que precisa acontecer para que a transformação possa chegar, e, no caso, o acontecimento decisivo seria a morte do marido. E, segue a partir dali, decidida para a mudança interior e exterior. Vamos ver como essa situação aconteceu observando a citação que se segue:

Estou de saída, para a minha rotina de visitadora quando, de passagem pelo corredor, reparo que o pano que cobria o espelho havia tombado. Sem querer, noto o meu reflexo. Recuo dois passos e me contemplo como nunca antes o fizera. E descubro a curva do corpo, o meu busto ainda hasteado. Toco o rosto, beijo os dedos, fosse eu outra, antiga e súbita amante de mim. (COUTO, 2004, p. 10)

No momento da citação acima ela recupera o amor próprio. O pano que cobria o espelho pode também representar a forma que ela se escondia dela mesma, o abandono

que cometeu consigo mesma, o não parar para se olhar, tanto por fora quanto por dentro.

É elemento de surpresa até para ela mesma a situação de se ver, de se notar, e, é ainda mais surpreendente a capacidade que ela teve de se ver bela, depois de tempos, o reencontro com ela mesma significou a recuperação até mesmo da vaidade que tinha sido deixada de lado.

O “Sem querer, noto o meu reflexo” nos revela que ela não tinha planos de um dia olhar para ela mesma. A tanto tempo que ela só olhava para o esposo que estava fora de cogitação a hipótese de se notar, se amar.

Vamos observar a citação abaixo para confirmar essa afirmação.

O espelho devolve a minha antiquíssima vaidade de mulher, essa que nasceu antes de mim e a que eu nunca pude dar brilho. Nunca antes eu tinha sido bela. No instante, confirmo: o luto me vai bem com meus olhos escuros. (COUTO, 2004, p. 11)

Na citação acima confirmamos que ela recupera a sua vaidade e também observamos que junto com a vaidade, amor próprio e o desejo por uma nova vida vêm também o desejo pela morte do marido, pois ela considerava a morte dele a passagem de uma nova vida para ela. A partir de então ela passa a afirmar que quer a morte do marido a fim de convencer a ela mesma que possui esse desejo.

Segundo Freud, as energia que nos motivam são divididas em pulsão de vida e pulsão de morte. A pulsão de vida é a libido, energia que nos anima e concede vigor para realizar projetos e alcançar alvos positivos; a pulsão de morte é a energia que nos leva a atitudes destrutivas.

No conto, toda a energia da mulher se encontrava investida no casamento e em servir o esposo, inconscientemente a pulsão de morte a levava para atitudes destrutivas e a se manter casada, mesmo estando infeliz. Após a morte do marido, ela passou a

concentrar toda a sua energia no falecido, e por isso, em seu luto, foi impossível que ela partisse para a vida feliz que havia decidido antes.

Quando a mulher do conto diz que “A sua vida me apagou. A sua morte me fará nascer. Oxalá você morra, sim, e quanto antes” (COUTO, 2004 p.11), confirmamos que a pulsão de morte dela estava no esposo e, a pulsão de vida na morte dele.

Essas frases confirmam o desejo que ela possui pela morte do esposo. O “o quanto antes” demonstra mais que desejo, mas presa para que ocorra o falecimento dele também. Esta mulher estava tão convicta de sua futura vida nova que até tem ansiedade que chegue logo o momento de sua libertação.

Mas, ao final do conto, nos deparamos com a decepção, pois aquela mulher apesar do seu discurso tão determinado a mudança, não consegue, ao receber a notícia da morte do marido, se alegrar com o luto e se tornar protagonista de sua própria história. Na verdade, além de não seguir cheia de vida ela também cai em desespero pela morte do esposo. Vamos observar a citação abaixo:

Ao contrário de um alívio, porém, me acontece o desabar do relâmpago sem chão onde tombar. Em lugar do queixo altivo, do passo estudado, eu me desalinho em pranto. Regresso a casa, passo desgrenhado, em solitário cortejo pela rua fúnebre. Sobre a minha casa de novo se tinha posto o céu, mais vivo que eu. (COUTO, 2004, p. 11)

Ela fala em “queixo altivo” e de “passo estudado”, pois havia treinado como reagiria no velório do marido. Mas os seus sentimentos a surpreendem de tal forma que ela é incapaz de controlar a tristeza, e, a notícia chega a ela como um “desabar do relâmpago sem chão onde tombar”, ou seja, ela perde toda a base que vinha sendo estruturada em seus pensamentos para aguentar a notícia e partir para a nova vida tão sonhada. Nesse momento ela retorna a sua casa, mas sozinha do que antes e ainda submissa ao falecido esposo, tanto que continuará o visitando mesmo após a morte.

Sabemos que na vida real, mulheres que vivem um relacionamento abusivo não

tem facilidade em deixar tais situações ainda que deseje profundamente. Nos parece como correntes que aprisionam a mulher a tal ponto que sentir o alívio de se libertar delas se torna estranho e faz com que a mulher volte a se prender as correntes por dependência até mesmo emocional. Quando a mulher do conto se vê livre logo estranha o alívio e por isso se desespera. Observemos a próxima citação para confirmar que a mulher continuará visitando o esposo: “Na sala, corrijo o espelho, tapando-o com lençóis, enquanto vou decepando às tiras o vestido escuro. Amanhã, tenho que me lembrar para não preparar o cesto da visita. (COUTO, 2004, p. 11)”

Nesse último verso, o “Na sala” pode representar que ela retorna a estar trancada em seu cotidiano lar, “corrijo o espelho”, que ela volta a deixar de se olhar, abandona a vaidade novamente e volta a ser a mulher que era antes de decidir que iria mudar. O “enquanto vou decepando às tiras o vestido” pode ser interpretado como o fato dela está transformando em pedacinhos os planos que tinha para a partir do luto.

A última frase: “Amanhã, tenho que me lembrar para não preparar o cesto da visita.”, nos revela que ela continuará visitando o seu esposo, agora falecido.

Um das maiores características que encontramos é que a mulher do conto dedica a sua vida exclusivamente ao serviço ao marido e aos cuidados da alimentação. Não há citação de alguma atividade social ou de lazer realizada por ela. Conforme foi possível observar na análise do conto, a mulher mantinha uma rotina fixa sempre ligada ao serviço doméstico, mas precisamente no preparo do alimento. Esse servir através de fazer a comida tem tanta importância para o conto que o título “O cesto” transmite ao leitor a ideia do alimento. Vamos observar a citação abaixo para poder entender como funciona a divisão dos trabalhos segundo Bourdieu:

é a divisão social do trabalho, distribuição bastante escrita das atividades atribuídas a cada um dos sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembléia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa reservada às mulheres; (BOURDIEU, 2002, s/p)

Conforme a citação acima descreve, no momento em que é necessário escolher qual o tipo de trabalho que cada ser humano fará, o que vai determinar os tipos de atividades que a pessoa irá exercer é o gênero. No conto “O cesto” a mulher estava cansada de viver para servir ao marido, viver para cozinhar, viver para o lar. Chegando a considerar que não vivia e por isso vir a desejar a morte do marido para poder começar a viver. Sabemos que na vida real, muitas mulheres conquistam espaço no mercado de trabalho, porém passam a levar uma dupla jornada de trabalho, pois, sem o apoio dos companheiros no serviço do lar se veem obrigadas a trabalhar fora e dentro de casa. Muitas vezes têm filhos incluídos na rotina e ela se torna exaustiva.

A mulher do conto não cita ter filhos com ela dentro de casa e também não trabalhava fora de casa, porém, a vida doméstica e os cuidados com o marido tinham a levado a exaustão. Como já pudemos observar ela considerava que o marido a tinha impedido de viver. Sabemos que, na sociedade, é costumeiro e que os homens sejam criados sem exercer algum tipo de serviço doméstico, e, quando se casam, continuam a esperar que a mulher da casa cuide de todo trabalho ligado ao lar. Para Bourdieu a divisão de “trabalho de homem” e “trabalho de mulher” seja na vida privada ou seja na vida pública, é estimulada pela posição que os homens ocupam durante o sexo. Vamos observar a citação que se segue para compreender a afirmação:

É a tradição cabila, embora seja pouco pródiga em discursos justificativos, apela para uma espécie de mito de origem para legitimar as posições atribuídas aos dois sexos na divisão do trabalho sexual e, em decorrência da divisão do trabalho de produção e reprodução, em toda a ordem social, e, ultrapassando-a, na ordem cósmica. (BOURDIEU, 2002, s/p)

Assim observamos que o gênero, mais precisamente o órgão sexual vai determinar que lugares a pessoa irá ocupar na sociedade, na vida privada e no sexo. Muito se quebra dessa regra pois, conforme é possível reconhecer no dia a dia, nem toda a mulher vai se identificar com o “trabalho de mulher” e nem todos os homens vão se identificar com o “trabalho de homem”. Porém o não se identificar

com o trabalho destinado ao seu gênero causa estranheza na sociedade, pois os melhores serviços,

aqueles que são considerados de maior responsabilidade e prestígio e que exigem maior senso de liderança são vistos e até mesmo mais preenchidos por homens e, aqueles trabalhos mais domésticos, maternos, e que exigem menos força e desenvoltura física são vistos como trabalhos femininos e ocupado em maior parte por mulheres. E, diante desse fato observamos que a dominação masculina não acontece apenas na vida doméstica, mas também e muito fortemente naturalizada, na vida social. Vamos ler a citação abaixo para confirmar essa afirmação:

As regularidades da ordem física e da ordem social impõem e inculcam as medidas que excluem as mulheres das tarefas mais nobres (conduzir a charrua, por exemplo), assinalando-lhes lugares inferiores (a parte baixa da estrada ou do talude), ensinando-lhes a postura correta do corpo (por exemplo, curvadas, com os braços fechados sobre o peito, diante de homens respeitáveis), atribuindo-lhes tarefas penosas, baixas e mesquinhas (são elas que carregam o estrume, e na colheita das azeitonas, são elas que juntam no chão, com as crianças, enquanto os homens manejam a vara para fazê-las cair das árvores), enfim, em geral tirando partido, no sentido dos pressupostos fundamentais, nas diferenças biológicas que parecem assim estar à base das diferenças sociais. (BOURDIEU, 2002, s/p)

Assim, com essa citação podemos confirmar que para Bourdieu as injustiças sociais acontecem por motivação da diferença que há entre os gêneros. Pondo a mulher sempre abaixo do homem e em piores atividades. Sabemos que existem homens que exercem serviços de baixo prestígio, mas quando há a opção de escolha dos trabalhos entre homens e mulheres, os homens vão ficar encarregados com os serviços de mais estima e as mulheres com os serviços mais vexatórios. As diferenças que são vistas como naturais na verdade são impostas pela sociedade. Vamos observar a citação abaixo para confirmar essa afirmação:

A força particular da sociodicéia masculina lhe vem do fato de ela acumular e condensar duas operações: ela legitima uma relação de dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada. (BOURDIEU, 2002, s/p)

Na citação acima, fica claro que não é natural e sim social a relação de dominação masculina. Quando Bourdieu diz que “ela própria uma construção social naturalizada”. podemos compreender que os privilégios que os homens têm dentro da sociedade foram criados pela própria sociedade. No conto “O cesto” o marido tinha os privilégios, alguém para servir a ele, limpar e cozinhar para ele e à mulher, ficavam destinados os deveres de servir e trabalhar para o marido. E, além de dominar a esposa no ser servido o marido também mandava nas roupas e modos de se comportar. Vamos observar a citação abaixo para compreender o que Bourdieu fala sobre essa relação de dominação masculina no comportamento e roupas femininas.

ora só as permitindo à custa de precauções constantes, como no caso das jovens que puxam seguidamente para baixo uma saia demasiado curta, ou se esforçam por cobrir com o antebraço uma blusa excessivamente decotada, ou têm que fazer verdadeiras acrobacias para apanhar no chão um objeto mantendo as pernas fechadas. Essa maneira de usar o corpo, profundamente associadas à atitude moral e a condenação que convêm às mulheres, continuam a lhes ser impostas, pela roupa (como o andar com passinhos rápidos de algumas jovens de calças compridas e sapatos baixos). E as poses ou as posturas mais relaxadas, como o fato de se balançarem na cadeira, ou de porem os pés sobre a mesa, que são por vezes vistas nos homens - do mais alto escalão - como forma de demonstração de poder, ou, o que dá no mesmo, de afirmação são, para sermos exatos, impensáveis para um mulher. (BOURDIEU, 2002, s/p)

Mesmo sendo difícil viver em um casamento, um relacionamento abusivo e violento, sendo obrigada a viver para servir a outra pessoa, se vestir conforme outra pessoa dita e se comportar de forma que agrada a outro, para a mulher do conto não foi fácil se separar do marido opressor. Sabemos que na realidade, em alguns, casos é trabalhoso para a mulher se separar do homem com quem tem um relacionamento abusivo. A mulher do conto não conseguiu se libertar desse tipo de relacionamento nem mesmo com a morte do marido. Vamos ler a próxima citação a fim de entender o que pode ter levado a mulher do conto a não conseguir se libertar do seu casamento opressor.

Lembrar os traços que a dominação imprime perduravelmente nos corpos e os efeitos que ela exerce através deles não significa dar armas a essa maneira,

particularmente viciosa, de ratificar a dominação e que consiste em atribuir às mulheres a responsabilidade de sua própria opressão, sugerindo, como já se fez algumas vezes, que elas escolhem adotar práticas submissas (“as mulheres são seus piores inimigos”) ou mesmo que elas gostam dessa dominação, que elas “se deleitam” com os tratamentos que lhe são infligidos, devido a uma espécie de masoquismo constitutivo de sua natureza. Pelo contrário, é preciso assinalar não só que as tendências à “submissão”, dada por vezes como pretexto para “culpar a vítima”, são resultantes das estruturas objetivas, como também que essas estruturas só devem sua eficácia aos mecanismos que elas desencadeiam e que contribuem para sua produção. (BOURDIEU, 2002, s/p)

Na sociedade ouvimos opiniões que culpam as vítimas pelas agressões que sofrem. Não é incomum ouvir discursos semelhantes aos da citação acima: “que elas gostam dessa dominação” “que elas escolhem adotar práticas submissas”, esse tipo de discurso leva a considerar a mulher agredida como uma espécie de masoquista, que não abandona seus relacionamentos abusivos.

Para que possa haver mais mudanças favoráveis para as mulheres é necessário que mais discussões como as contidas neste trabalho surjam. Para que o direito do homem em dominar a mulher não seja naturalizado é preciso que a luta feminista continue.

Algumas mudanças ocorreram na sociedade e podemos confirmar essa afirmação com a citação abaixo:

A maior mudança está, sem dúvida, no fato de que a dominação masculina não se impõe mais com a evidência de algo que é indiscutível. Em razão, sobretudo, do enorme trabalho crítico do espaço social, consegui romper o círculo do reforço generalizado, esta evidência passou a ser vista, em muitas ocasiões, como algo que é preciso defender ou justificar, ou algo de que é preciso se defender ou se justificar. (BOURDIEU, 2002, s/p)

Então, com a citação acima, podemos compreender que a dominação masculina não é vista com naturalidade por muitas pessoas. Essa capacidade de não ver o machismo com naturalidade é mais presente na sociedade do que na vida privada, pois muito dos direitos alcançados pelo feminino são direitos civis. Foi através da luta que mulheres alcançaram algumas importantes vitórias, como as que vamos citar abaixo:

é o caso, por exemplo, do aumento do acesso ao ensino secundário e superior, ao trabalho assalariado e com isso, à esfera pública; é também o distanciamento em relação às tarefas domésticas e às funções de reprodução (relacionado com o progresso e o uso generalizado de técnicas anticonceptivas e à redução de tamanho das famílias); é, sobretudo o adiantamento da idade do casamento e da procriação a abreviação da interrupção da atividade profissional por ocasião do nascimento de um filho, e também a elevação dos percentuais de divórcio e queda dos percentuais de casamentos. (BOURDIEU, 2002, s/p)

Apesar de todos os direitos alcançados, sabemos que as mulheres ainda enfrentam diferentes tipos de preconceitos, imposições, maus olhos, julgamentos, violências doméstica e urbana. Vamos ler observarmos alguns exemplos de situações que precisam melhorar para as mulheres:

Apesar disso, as diplomadas encontram sua principal oferta de trabalho nas profissões intermediárias de nível médio (quadros administrativos de nível médio, técnicos, membros do corpo médico e social etc.), mas continuam vendo-se praticamente excluídas dos cargos de autoridade e de responsabilidade sobretudo na economia nas finanças e na política. (BOURDIEU, 2002, s/p)

Com a citação acima tivemos alguns exemplos dos desafios que ainda terão que enfrentar as futuras gerações. A mulher do conto que analisamos neste capítulo não tinha sequer esses direitos garantidos, pois a opressão masculina dentro da vida privada dela era muito rígida e, sendo assim, foi preciso que houvesse a desencarnação do opressor para que a submissa pudesse viver de forma mais livre. porém, como vimos anteriormente, a mulher estava tão aprisionada a condição de subalterna, que não se libertou da situação de opressão ao final do conto.

2. “Os olhos dos mortos” - cinco tipos de violência contra a mulher e a dominação masculina na vida pública e vida privada.

“Os olhos dos mortos” é o décimo segundo conto do livro *O fio das missangas* (2004). É narrado em primeira pessoa. A personagem narradora é uma mulher que não tem seu nome citado e que sofre violência doméstica.

No início, observamos que a mulher se diz feliz, mas não apenas o estar em um estado de felicidade mas sim o ser feliz. Logo na primeira frase do conto ela diz: “Estou tão feliz que em rio” isso pode significar que a alegria dela era totalmente interior sem que houvesse necessidade de externar o que sentia de bom. Diz ainda: “Deito-me com desleixo,” que sugere que ela se encontra bem à vontade e confortável. E “bastando-me: eu e eu.”. Que nos passa uma sensação de preenchimento interior, onde nada falta para a vida feliz que todos almejam. Confirmamos o quanto a mulher se considera alegre quando o conto cita que “Durante tempos, só tive piedade de mim. Hoje não, eu me desmesuro, pronta a crianceiras e desatinos.” (COUTO, 2004, p. 34)

Mas apesar de se sentir bem, a mulher do conto se sente culpada por estar feliz. Observemos a citação que se segue para confirmar que ela se sentia culpada por estar feliz:

Minha alegria, assim tanta, só pode ser errada. Desculpe-me, Cristo: esplendoroso é o que sucede, não o que se espera. E eu, durante anos, tive vergonha da alegria. Estar-se contente, ainda vá. Que isso é passageiro. Mas ser-se alegre é excessivo como pecado mortalício. (COUTO, 2004, p. 34)

Essa sensação pode ter chegado a ela por ter vivido um casamento onde sofria violência física, psicológica, patrimonial, verbal e simbólica. Vamos analisar algumas citações para identificar os tipos de violência que podemos encontrar no conto:

Durante anos, porém, os passos de meu marido ecoaram como a mais sombria ameaça. Eu queria fechar a porta, mas era por pânico. Meu homem chegava do bar, mais sequioso do que quando fora. Cumpria o fel de seu querer: me vergastava com socos e chutos. No final, quem chorava era ele para que eu sentisse pena de suas mágoas. Eu era culpada por suas culpas. Com o tempo, já não me custavam as dores. Somos feitos assim de espaçadas

costelas, entremeados de vãos e entrâncias para que o coração seja exposto e ferível (COUTO, 2004, p. 34)

Quando ela diz que “Durante anos, porém, os passos de meu marido ecoaram como a mais sombria ameaça.” podemos entender que ela sofreu violência doméstica por muito tempo e que vivia sempre com medo da chegada do esposo, pois sabia que quando ele chegasse iniciaria os tormentos e agressões.

A mulher cita que “Meu homem chegava do bar, mais sequioso do que quando fora.” O que nos faz supor que ele era um alcoólatra e que o vício piorava a forma que costumava tratar a esposa. Sabemos que em alguns casos reais de violência doméstica e feminicídio o agressor tenta se justificar culpando o álcool que o supostamente dominava no momento das agressões. podemos interpretar que a mulher do conto passava por situação semelhante a que observamos nesses casos verídicos.

Quando ela diz que “Cumpria o fel de seu querer: me vergastava com socos e chutos.” Identificamos aí a violência física. Quando diz “No final, quem chorava era ele para que eu sentisse pena de suas mágoas. Eu era culpada por suas culpas.” identificamos a violência psicológica. E ainda quando fala que “Chorando sem direito a soluço; rindo sem acesso a gargalhada” entendemos que ela vivia oprimida, sem direito a expressar seus sentimentos, tanto na alegria como na tristeza, e, isso se devia ao relacionamento abusivo em que vivia. Vamos observar a próxima citação a fim de continuar identificando os tipos de violência contra a mulher que podemos encontrar no conto:

A semana passada foi quando o rasgão se deu. Venâncio ficou furioso quando descobriu, em estilhaços, a emoldurada fotografia na nossa sala. Era um retrato antigo, parecia estar ali mesmo antes de haver parede. Nele figurava Venâncio, ainda magro e moço, posando na nossa varanda. Pelo olhar se via que sempre fora dono e patrão. Surjo atrás, desfocada, esquecida. Sem pertença nem presença. (COUTO, 2004, p. 34)

Quando ela diz: “A semana passada foi quando o rasgão se deu.” podemos

interpretar que a situação narrada foi um acontecimento decisivo para ela. Onde a mesma decide mudar a partir do ocorrido. Na frase “Venâncio ficou furioso quando descobriu, em estilhaços, a emoldurada fotografia na nossa sala” nos mostra que as agressões ocorriam por motivos fúteis como um quadro quebrado, por exemplo. Em “Era um retrato antigo, parecia estar ali mesmo antes de haver parede. Nele figurava Venâncio, ainda magro e moço, posando na nossa varanda.” interpretamos que aquela mulher e seu marido viviam naquela casa desde jovens, o que reforça a ideia que o relacionamento violento durou anos. E quando diz que “Pelo olhar se via que sempre fora dono e patrão. Surjo atrás, desfocada, esquecida. Sem pertença nem presença” podemos observar a violência patrimonial. Venâncio era dono e patrão, daquela casa e da vida da esposa, assim restava a ela sobreviver em um lar que não pertencia a ela e por isso o “Sem pertença nem presença”. Vamos continuar analisando as citações a fim de interpretar os acontecimentos narrados:

Ao ver a moldura quebrada e os vidros ainda espalhados pelo chão, Venâncio me golpeou com inusitada força, pontapés cruzaram o escuro do quarto entre gritos meus: – Na barriga não, na barriga não!

Depois, quando ele amainou, interrompi-lhe o choro e me soaram serenas e doces as palavras: – Vê o sangue, Venâncio? Eu estava grávida. . (COUTO, 2004, p. 34)

Na citação acima podemos reafirmar a violência física em “Venâncio me golpeou com inusitada força” e a violência psicológica em “interrompi-lhe o choro”. Além de sofrer com tantas formas de violência ela também passava por omissão de socorro. Vamos observar a citação abaixo:

– Grávida, você?! Com uma idade dessas!?? Arrumei vimas poucas roupas e fui, a pé, para o posto de socorro. Era manhã, fazia chuva e caía o sol. Algures, por um aí, deveria fantasiar um arco-íris. Mas eu estava cega para fantasias. Meu filho, esse primeiro que haveria de nascer, estava morto dentro de mim. As minhas mãos, ingênuas, ainda amparavam o ventre como se ele continuasse lá, enroscado grão de futuro. No passeio público, privadamente tombei. Antes que beijasse o chão já eu perdera as luzes e deixara de sentir a chuva no meu corpo. (COUTO, 2004, p. 34)

Na citação acima observamos que Venâncio dúvida da possível gravidez da esposa alegando que ela não teria mais idade de gerar um filho o que a obriga a procurar o posto de socorro sozinha e a pé. Porém a gravidez dela realmente não era real, o que a deixou ainda mais decepcionada. Vamos ver a citação que nos revela que não havia gravidez:

Desmaiada, me espreitaram os dentros: gravidez não havia. Mais uma vez era falsa esperança. Esse vazio de mim, essa poeira de fonte seca, o não poder dar descendência a Venâncio, isso doía mais que perder um filho. Eu estava mais estilhaçada que o retrato da sala. (COUTO, 2004, p. 35)

Observamos na citação acima que o fato de não conseguir gerar um filho era outro fator de sofrimento para aquela mulher, não só pelo instinto materno, mas também por querer dar filhos ao marido, o que pode indicar uma pressão feita pelo marido para com a esposa, ela teria esperança de engravidar e assim honrar o seu esposo o dando descendentes. Mas não havendo gravidez, ao acordar no hospital, ela tem certeza que Venâncio a castigará. Vamos observar a citação que se segue para confirmar essa ideia:

Quando despertei, me acreditei já morta, transferida para outro mundo. Morrer não me bastava: nesse depois ainda Venâncio me castigaria. Eu necessitava um outro jamais. Adivinhei as minhas fúnebres cerimônias. Venâncio e mais uns tantos, entre vizinhos e parentes. Se o meu homem me chorasse, nessa ida, seria para melhor me esquecer. A lágrima lava a sofrência. Os outros chamariam a isso de amor, saudade. Mas não era a viuvez que atormentaria Venâncio. Viúvo estava ele há muito. O que o podia atormentar era a feiura desta minha morte. Se de mim alguma vez se recordasse, seria Para melhor me ausentar, mais desfocada que o retrato da sala (COUTO, 2004, p. 35)

Em ‘Morrer não me bastava: nesse depois ainda Venâncio me castigaria.’ observamos que a mulher temia mais ao marido do que a própria morte. E em “Eu necessitava um outro jamais.” Podemos supor que ela já estava tramando o assassinato ao marido. Quando diz que “Adivinhei as minhas fúnebres

cerimónias.” entendemos que ali ela chega a uma conclusão: é a vida dela ou a vida dele que escapará. Ela prever

sua morte e imagina o seu velório e retorna a sua casa ciente de que o ato de ir procurar ajuda ao invés de se calar e curar sozinha em casa teria sido uma afronta ao esposo. Vamos ver a próxima citação para poder confirmar que ela tinha consciência que havia desagradado o marido Venâncio:

Venâncio não foi visitar-me ao hospital. O que eu fizera, ao dirigir-me por meu pé ao hospital, foi uma ofensa sem perdão. Até ali eu fechara as minhas feridas no escuro íntimo do lar. Que é onde a mulher deve cicatrizar. Mas, desta vez, eu ousara fazer de Cristo, exhibir a cruz e a chaga pelas vistas alheias. (COUTO, 2004, p. 35)

A frase “Venâncio não foi visitar-me ao hospital” reforça a negligência em socorro médico. Em “O que eu fizera, ao dirigir-me por meu pé ao hospital, foi uma ofensa sem perdão. entendemos que a vítima tinha certeza que Venâncio a faria pagar pelo pedido de socorro com mais violência. Quando ela diz que “Até ali eu fechara as minhas feridas no escuro íntimo do lar.” percebemos que era costumeiro que o marido a agredisse e que ela nunca havia pedido socorro nem ao menos para curar as feridas que ele deixava nela. Ela nunca havia procurado ajuda por julgar que a mulher deveria ser discreta as agressões deixando os machucados curar no íntimo do lar. Podemos confirmar que ela pensava assim na frase: “Que é onde a mulher deve cicatrizar.” Após ter saído do posto de socorro e ter certeza de que Venâncio iria a agredir novamente ela volta para casa para decidir o seu destino. Vamos observar a citação abaixo para analisar como foi o regresso da mulher ao seu lar.

Ao regressar a casa, faço contas às dores. Por certo, Venâncio me espera para me fazer pagar. Por isso, me demoro na varanda como se esperasse um sinal para entrar. E ali permaneço, calada, como fazem as mulheres que, de encontro ao tempo, rezam para nunca envelhecerem. (COUTO, 2004, p. 35)

Na parte “Por isso, me demoro na varanda como se esperasse um sinal para entrar.” podemos perceber que ela hesita em entrar, ou seja, ela não queria voltar para

casa, mas volta mesmo sabendo que voltará a ser agredida. Isso costuma ser observado na vida real onde mulheres voltam a lares onde sofrem violência por falta de opção, por dependência financeira, afetiva ou ameaças. No conto “Os olhos dos mortos” a personagem principal põe fim ao seu sofrimento com as suas próprias mãos. Vamos observar a citação seguinte para confirmar essa afirmação:

Quando entro em casa, os estilhaços do retrato rebrilham no chão da sala. O fotografado olhar de Venâncio pousa sobre mim, assegurando os seus direitos de proprietário. Distraída, a minha mão recolhe um vidro. Na cama de casal, meu marido está enroscado, em fundo sono. Deito-me a seu lado e revejo a minha vida. Se errei, foi Deus que pecou em mim. Eu semeei, sim, mas para decepar. Se recolhi os grãos, foi para os deitar no moinho. Há quem chame isto de amor. Eu chamo a cruel dança do tempo. Nessa dança, quem bate o tambor é a mão da morte. Lição que aprendi: a Vida é tão cheia de luz, que olhar é demasiado e ver é pouco. É por isso que fecham os olhos aos mortos. E é o que faço ao meu marido. Lhe fecho os olhos, agora que o seu sangue se espalha, avermelhando os lençóis. (COUTO, 2004, p. 35)

Na citação acima em “Quando entro em casa, os estilhaços do retrato rebrilham no chão da sala.” observamos que os cacos do vidro do quadro quebrado, motivo supérfluo da última agressão que ela sofreu, chama a atenção dela, podemos supor que ela já reconhece aquele pedaço de vidro como arma. Em “O fotografado olhar de Venâncio pousa sobre mim, assegurando os seus direitos de proprietário.” observamos uma luta interna entre ela e a opressão que o marido havia posto nela. O “Distraída, a minha mão recolhe um vidro.” pode significar que ela age horas antes de assassinar o marido por impulso. Em “Na cama de casal, meu marido está enroscado, em fundo sono.” revela que Venâncio se encontra em posição inferior em termos de defesa quando a sua esposa se vingava. Quando diz “Deito-me a seu lado e revejo a minha vida.” pode significar que ela refletiu antes de assassinar o marido, porém o refletir só reforçou a sua ideia de pôr fim a vida e sofrimento através da morte de Venâncio. Na parte “Se errei, foi Deus que pecou em mim. Eu semeei, sim, mas para decepar. Se recolhi os grãos, foi para os deitar no moinho. Há quem chame isto de amor. Eu chamo a cruel dança do tempo. Nessa dança, quem bate o tambor é a mão da morte.” a personagem tenta

justificar tudo o que viveu e atitude que estava para tomar como obra do destino. Em “É por isso que fecham os olhos aos mortos. E é o que faço ao meu marido. Lhe fecho os olhos, agora que o seu sangue se espalha, avermelhando os lençóis.” recebemos a informação da morte de Venâncio pelas mãos da esposa. Não recebemos informação se ela passa a viver melhor após a morte do marido, mas o conto inicia com a nossa personagem principal contando que estava feliz, se sente culpada e justifica a sua alegria, o que nos faz pensar que o conto inicia após morte de Venâncio.

A mulher do conto sofre em sua casa. Esposa de um marido alcoólatra que a agredia fisicamente quando chegava do bar e por motivos banais como um quadro quebrado, ela diz que “Venâncio estava para a violência como quem não sai do seu idioma”. O “quem não sai do seu idioma” pode significar que a violência era a linguagem que venâncio usava para se comunicar com a esposa. A fim de compreender as motivações que sustentam a violência que os homens cometem contra as mulheres vamos ler a citação abaixo:

Inevitavelmente, nós consideramos a sociedade um lugar de conspiração, que engole o irmão que muitas de nós temos razões de respeitar na vida privada, e impõe em seu lugar um macho monstruoso, de voz tonitruante, de pulso rude. (BOURDIEU, 2002, s/p)

Pela citação acima compreendemos que a sociedade é capaz de transformar um homem amável com a família em um sujeito agressivo e rude. Se “o homem é produto do meio”, poderia ser o homem violento o resultado de uma sociedade machista e violenta. E ainda, a violência contra a mulher causada por essa mesma sociedade.

Se Venâncio foi transformado em um pessoa agressiva dentro de seu lar, a mulher agredida, por sua vez, tem a casa em que vive como o lugar em que ela esconde suas dores até que se curem ou até a próxima agressão. A violência doméstica consiste em todos os tipos de agressões praticados contra alguém mais vulnerável. No caso do conto analisado aqui essa vítima é uma mulher que também é narradora e protagonista do conto. Quando ela diz “Até ali eu fechara as minhas feridas no escuro íntimo do lar.

Que é onde a mulher deve cicatrizar”. Temos um exemplo de como aquela mulher pensava sobre as agressões que sofria. E esse tipo de pensamento certamente é posto na mente de muitas mulheres pela própria sociedade. Vamos observar a citação abaixo para compreender melhor essa questão:

Lugares em que, ornado de ouro ou de púrpura, enfeitados de plumas como um selvagem ele realiza seus ritos místicos e usufrui dos prazeres suspeitos do poder e da dominação, enquanto nós, ‘suas’ mulheres, nos vemos fechadas na casa da família sem que nos seja dado participar de nenhuma das numerosas sociedades de que se compõe a sociedade. (BOURDIEU, 2002, s/p)

Nessa citação observamos como funciona a dominação masculina dentro do lar. Existem dois lugares de dominação: Na vida doméstica e na vida pública.

Na vida doméstica as características da dominação masculina são as imposições e violências que a mulher encontra por parte do homem da casa, no caso da mulher do conto, esse homem dominador era o seu esposo.

Na vida pública, as características da dominação masculina são as exigências que a sociedade faz a mulher desde o jeito de se vestir, se comportar ou falar, até cargos que podem ocupar no mercado de trabalho. No conto encontramos um trecho que podemos considerar representativo da dominação masculina na vida pública. No momento em que a mulher procura o posto de socorro depois de ser agredida por Venâncio, pois achava que estava grávida e que poderia perder o filho.

Nessa parte do conto notamos que o hospital não dá nenhum tipo de apoio à vítima, não é citada alguma medida de denúncia contra o agressor e nem uma medida preventiva para a mulher. Assim, ela retorna desprotegida, pois não encontrou apoio do Estado. Vamos observar a citação abaixo para compreender como Bourdieu nos traz essa questão da dominação privada e da dominação pública.

Se é verdade que o princípio de perpetuação dessa relação de dominação não reside verdadeiramente ou pelo menos principalmente, em um dos lugares mais visíveis de seu exercício, isto é, dentro da unidade doméstica, sobre a

qual um certo discurso feminista concentrou todos os olhares, mas em instâncias como a Escola ou o Estado, lugares de elaboração e de imposição de princípios de dominação que se exercem dentro mesmo do universo mais privado, é um campo de ação imensa que se encontra aberto às lutas feministas, chamadas então a assumir um papel original, e bem-definido, no seio mesmo das lutas políticas contra todas as formas de dominação. (BOURDIEU, 2002, s/p)

Na citação acima temos a frase “ lutas políticas contra todas as formas de dominação”. Essas formas de dominação são as que vemos na vida privada e na vida pública. É interessante observar que nada adiantou a mulher do conto ter saído de sua casa e se dirigido ao posto médico depois de ter sido agredida, pois voltou para a mesma casa sem nenhuma segurança de que não seria agredida novamente, e, muito pelo contrário, a mulher tinha certeza de que dessa vez ela não sairia com vida da próxima agressão e essa falta de proteção e certeza da morte a faz cometer assassinato, pois teve que escolher entre a vida dela ou a vida do marido.

Se a dominação masculina acontecesse apenas no ambiente doméstico, seria mais fácil para as mulheres saírem de uma relação violenta, mas como a dominação masculina é fartamente encontrada na sociedade, é com maior dificuldade que as mulheres se libertam de uma relação tóxica. Na realidade a falta de apoio para com a mulher vítima de agressão é encontrada no conto (ficção) e na vida (seja em Moçambique, Brasil, e tantas outras nações).

Um dos argumentos que é usado para tentar justificar as agressões cometidas contra mulheres é a de que devem permanecer em relações agressivas pois já conheciam os defeitos de seus parceiros quando iniciaram o relacionamento, mas esse tipo de argumento não se sustenta, visto que normalmente agressores escondem sua face agressiva e se a relevam, tentam se justificar, prendem emocionalmente a mulher ou até mesmo a culpam por terem provocado a ira deles. No caso da mulher do conto observamos trechos em que ela diz que inicialmente esperava com anseio pelo o esposo chegar em casa e poder ter momentos bons ao lado dele, porém com o passar do tempo ele foi se tornando agressivo e a chegada dele a transmitia medo. Então entendemos que

o relacionamento da mulher do conto iniciou com romantismo, e isso é típico do feminino ter um lado mais romântico. Vamos observar a próxima citação para poder compreender um pouco mais sobre os típicos sentimentos femininos e masculinos:

À diferença das mulheres, que estão socialmente preparadas para viver a sexualidade como uma experiência íntima e fortemente carregada de afetividade, que não inclui necessariamente a penetração, mas que pode incluir um amplo leque de atividades (falar, tocar, acariciar, abraçar etc.), os rapazes tendem a “compartimentar” a sexualidade, concebida como um ato agressivo, e sobretudo físico de conquista orientada para a penetração e o orgasmo. Embora neste ponto, como em todos os outros as variações sejam evidentemente consideráveis. (BOURDIEU, 2002, s/p)

Esse lado mais sensível, mais romântico da mulher também pode ser uma criação social, por serem vistas como o sexo frágil, mais fraca e sensível que o homem. A mulher do conto é mais romântica, mais sensível e também nos parece ter um grande sexto sentido, ela é capaz de sentir o perigo da chegada do marido, pois diz que sentia medo quando se aproximava o retorno dele à casa e, também, prevendo a sua morte, se adianta e assassinar o esposo. Essa capacidade de se adiantar aos acontecimentos tem uma explicação e para compreendermos melhor vamos observar a citação que se segue:

Forma peculiar da lucidez especial dos dominados, o que chamamos de “intuição feminina” é, em nosso universo mesmo, inseparável da submissão objetiva e subjetiva que estimula, ou obriga, à atenção, e às atenções, à observação e à vigilância necessária para prever os desejos ou pressentir os desacordos. Muitas pesquisas puseram em evidência a perspicácia peculiar dos dominados, sobretudo das mulheres (e muito especialmente das mulheres dupla ou triplicemente dominadas, como as donas de casa negras, de que fala Judith Rillins em *Between Women*): mais sensíveis aos sinais não verbais (sobretudo à inflexão) que os homens, as mulheres sabem identificar melhor uma emoção não representada verbalmente e decifrar o que está implícito em um diálogo; (BOURDIEU, 2002, s/p)

Assim, com a citação acima confirmamos que a capacidade de prever acontecimentos e a maior sensibilidade feminina é sim uma característica que a própria sociedade foi fazendo com que a mulher tivesse. Então podemos entender

que não se trata de um tipo de superpoder, e sim uma adaptação para sobrevivência. A mulher do

conto “Os olhos dos mortos” prevê sua morte e a fim de evitá-la decide por matar aquele que seria o seu futuro assassino.

Outra característica da mulher do conto é que ela descreve muito bem a personalidade e os trejeitos do esposo e, essa capacidade de descrevê-lo detalhadamente também é uma característica da mulher dominada. Vamos ler a citação que se segue a fim de confirmar essa afirmação:

segundo uma pesquisa realizada por dois estudiosos holandeses, elas são capazes de falar de seus maridos dando uma série de detalhes, ao passo que os homens não conseguem descrever suas mulheres senão com estereótipos muito vagos, válidos para “as mulheres em geral.” (BOURDIEU, 2002, s/p)

Com a citação acima confirmamos que a capacidade feminina de observar e entender o seus companheiros também é uma característica da dominação masculina e assim entendemos o por quê da mulher do conto saber descrever tão bem o seu marido Venâncio. E, o conhecer bem o seu dominador é também uma forma de sobreviver, podendo se tratar até de conhecer melhor o inimigo, como no caso da mulher do conto.

Para compreendermos a violência simbólica, vamos observar a citação abaixo:

A dominação masculina encontra, assim, reunidas todas as condições de seu pleno exercício. A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho de produção e de reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte, bem como nos esquemas imanentes a todos os *habitus*: moldados por tais condições, portanto objetivamente concordes, eles funcionam como matrizes das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade, como transcendentais históricos que, sendo universalmente partilhados, impõem-se a casa agente como transcendente. (BOURDIEU, 2002, s/p)

A violência simbólica acontece através de atos em que a mulher é levada a se pôr em posição inferior ao dominador, em qualquer lugar ou circunstância. É um tipo

de agressão não física e difícil de ser detectada até mesmo pelas próprias vítimas. No
conto

“Os olhos dos mortos” temos um exemplo de violência simbólica quando a mulher diz que não tinha pertença e nem presença, pois o seu marido estava sempre acima dela, em tudo, em autoridade, em ser o dono, em ser mais importante. A ponto de no conto ser citado apenas o nome do homem: Venâncio. Enquanto a mulher fica no anonimato. Nem pelo nome ela é chamada no conto.

Esse tipo de violência não busca diminuir a seriedade das agressões físicas ou verbais, mas também é um tipo de agressão grave, visto que prejudica em muito a vida das mulheres em geral, e, em maior gravidade àquelas que são mais vulneráveis e dominadas. Vamos ler a próxima citação para poder compreender o que comentamos aqui:

Ao tomar “ simbólico” em um de seus sentidos mais correntes, supõe-se, por vezes, que enfatizar a violência simbólica é minimizar o papel da violência física e (fazer) esquecer que há mulheres espancadas, violentadas, exploradas, ou, o que é ainda pior, tentar desculpar os homens por essa forma de violência. O que não é , obviamente, o caso. Ao se entender “simbólico” como o oposto de real, de efetivo, a suposição é de que a violência simbólica seria uma violência meramente “espiritual” e, indiscutivelmente, sem efeitos reais. É esta distinção simplista, características de um materialismo primário, que a teoria materialista da economia de bens simbólico,, em cuja elaboração eu venho á muitos anos trabalhando, visa destruir, fazendo ver, na teoria, a objetividade da experiência subjetiva das relações de dominação. (BOURDIEU, 2002, s/p)

Assim, compreendemos que a violência simbólica fortalece e mantém presente na sociedade a dominação masculina e a submissão masculina. E, em relação ao conto “Os olhos dos mortos, certamente fez com que a nossa personagem se mantivesse submissa a um homem agressivo por muito tempo.

No conto “Os olhos dos mortos também podemos encontrar exemplos de violência patrimonial, que consiste em reter bens, objetos pessoais, documentos, materiais de trabalhos e dinheiro de mulheres dominadas. No conto, observamos esse tipo de violência quando a mulher diz que não tinha presença e nem pertença na casa em que morava. No conto também é dito que Venâncio sempre foi dono e patrão e que o retrato da sala representava essas qualidades dele.

Encontramos exemplo de violência psicológica quando após agredir a esposa, Venâncio tenta culpá-la pela agressão que havia sofrido, assim a mulher era “culpado por suas culpas”. E violência verbal quando ele diz que a mulher não podia está grávida com a idade que tinha. Apesar de não ser citado a idade da mulher consideramos essa única fala direta de Venâncio como ofensiva a esposa.

Assim pudemos neste segundo capítulo do presente trabalho, que a mulher do conto “Os olhos do mortos” sofria violência física, patrimonial simbólica, verbal e psicológica. Que não recebia nenhum tipo de assistência ou proteção para ter condições de se afastar do agressor e que para se livrar de todo o sofrimento e evitar a própria morte, precisou assassinar a Venâncio.

CONCLUSÃO

Assim, concluímos que ainda há muito o que mudar para melhorar a vida da mulher, em todas as nações. O conto “O cesto” representou muito bem o feminino subalterno, submisso e anulado. Foi possível através da análise compreender quais os motivos que levavam a mulher do conto a se comportar de maneira tão exclusiva ao esposo, o motivo da raiva pela vida que levava e desejo pela morte do marido. Com um pouco de psicanálise procuramos entender a pulsão de vida e de morte e com Bourdieu buscamos compreender as diferenças que a sociedade impõem aos homens e mulheres quanto ao trabalho que exercem e o comportamento que podem ter na vida pública e privada.

No segundo capítulo, através da análise com conto “Os olhos dos mortos” chegamos a conclusão que é necessário haver maiores medidas que tragam proteção e prevenção as mulheres que sofrem violência doméstica. Com Bourdieu como base teórica, procuramos compreender as questões da dominação feminina na vida privada e na vida pública. Identificamos exemplos de violência física, simbólica, psicológica, patrimonial e verbal, e, buscamos entender a motivação que levou a esposa a cometer o assassinato do esposo. Foi possível cumprir o que desejávamos analisar, ao compreender como a dominação masculina presente no Estado dificulta que as vítimas se libertem mais facilmente da dominação masculina na vida privada.

Este trabalho foi muito importante para a minha formação, visto que através dele foi possível desenvolver uma pesquisa acerca da dominação masculina e submissão feminina. Esperamos, em outras oportunidades, trabalhar mais este tema, pois ainda há muitas oportunidades interpretativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COUTO, Mia. *O fio das missangas*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 152 pág.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. s/p.
- Autor desconhecido. Vídeo de 8 minutos e 8 segundos. Título do Vídeo: Freud (1) Pulsão de vida, pulsão de morte e inconsciente. Publicado pelo canal Didatics em 21/11/2017. Acessado em: 17/01/2020.